



Sons e Silêncios (9)

Já ouviu música medieval?

M. HELENA VIEIRA

Talvez, entre os leitores, não se encontrem muitas pessoas que, como eu, tiveram a sorte de ter tido uma professora de português que era também formada em música pelo conservatório. Nas suas aulas, ao contrário do que se passa em muitas outras por esse país fora, não era possível esquecer que a palavra "cantigas", (em *cantigas de amigo*, de *amor*, ou de *escárnio e maldizer*) queria mesmo dizer... cantigas. Percebíamos a música no ritmo da palavra, e percebíamos que aquela era ainda uma *poesia lírica*, no mais puro sentido do termo, isto é, poesia cantada ao som da lira.

No próximo sábado, 14 de Julho, o leitor tem a oportunidade de ouvir cantigas medievais ao vivo numa igreja românica. Trata-se do concerto do Ensemble Micrologus, integrado no XXIII Festival Internacional de Música da Póvoa de Varzim, que terá lugar na igreja de S. Pedro de Rates. O grupo, que é constituído por vozes, harpa, ud (alaúde árabe), cítara latina e cítara sarracena, flautas, zurna (oboé árabe), viola, rabeca, cornamusa e percussão, interpretará catorze canções das *Cantigas de Santa Maria* (cantos monódicos do século XIII da corte de Afonso X, o Sábio). Trata-se de uma rara oportunidade de apreciar a música ibérica que se compunha no período medieval.

A Península Ibérica teve um desenvolvimento cultural e artístico próprio durante a Idade Média. Aqui se desenvolveu uma cultura e uma arte que revelavam influências cristãs, judaicas e também, desde as invasões de 711, muçulmanas. À medida que se foi dando o processo de Reconquista, iniciado nos séculos XI e XII, e o consequente estabelecimento

político dos reinos de Portugal, Navarra, Aragão, Leão e Castela, foi-se dando também o crescimento da importância política de Castela e do seu dialecto.

O rei Afonso X, "o Sábio", tornou-se rei de Castela e Leão em 1252, e reconheceu a enorme importância das heranças culturais cristã, judaica e muçulmana na Península Ibérica. A colecção das *Cantigas de Santa Maria*, que mandou compilar, e para a qual terá contribuído com algumas composições, dá provas da existência de uma corte multicultural, nas numerosas iluminuras, onde abundam músicos e instrumentos de diferentes proveniências. O texto destas cantigas é o dialecto galaico-português, que era considerado o dialecto mais adequado para canções líricas (como as *cantigas de amigo*, de *amor*, e de *escárnio e maldizer*), bem como para canções narrativas (como as *canções de gesta*, equivalentes das *chansons de geste* francesas).

Para que se possa compreender e apreciar o conjunto destas cantigas, é necessário ter uma ideia do contexto cultural e teológico medieval. Acima de tudo, é necessário dilucidar os conceitos de *milagre* e de *intercessão*, visto que as cantigas consistiam, primordialmente, na narrativa de numerosos milagres, ocorridos com uma grande variedade de pessoas, através de uma intercessão de Santa Maria. A raiz bíblica da crença da intercessão de Nossa Senhora, encontra-se na passagem das bodas de Canã (Jo. 2: 1-11), que relata o "pedido implícito", de Maria a Jesus, para que remediasse a situação da falta de vinho para a festa ("Não têm vinho..."), segundo do milagre da transformação da água em vinho - trata-se na verdade, do primeiro relato de um milagre feito por Jesus. Também a passagem da morte na cruz, durante a qual se relatam as palavras de Jesus dirigidas a Maria e ao apóstolo João, "Mulher, eis o teu filho; Filho, eis a tua mãe.", (Jo. 19:25) são fundamento da teoria da

intercessão mariana, a qual veio a ser sublinhada no Concílio de Éfeso, em 431. É importante notar que esta devoção popular ao poder interventivo de Maria, a qual se prolongou até hoje no seio da igreja católica, estava profundamente enraizada no imaginário medieval, e não consistia, ao contrário do que poderia parecer, num erro teológico de pendor profanizante, espécie de acrescento de uma quarta às três pessoas da Trindade. Ao contrário, fica clara a ideia de que, se milagres havia, eram produzidos por Deus, através de Maria. No texto das Cantigas pode ler-se: "Lembresse-te, madre/De Deus, Maria,/ que a el, teu Padre,/ rogues todavia,;" e, noutro local, "Des i aqueles cantares /eran dos miragres seus/ muitos e maravillosos/ que mostra por ela Deus,."

A classificação das *Cantigas de Santa Maria* dentro do repertório medieval secular (durante muito tempo designado por "profano", pela musicologia histórica) tem a ver com diversos factores: tematicamente, e não obstante a fidelidade evangélica, elas situam-se num campo demasiado "terreno", para as concepções da época do sentido do sagrado. As Cantigas, que são mais de 400, narravam lendas europeias, episódios locais, histórias domésticas, relatos de viagens de mercadores, peregrinações a santuários, a vida de doentes num hospital, a história de um médico que vai fazer a amputação de um pé, o apedrejamento, chicoteamento, enforcamento ou decapitação de criminosos, a história de uma freira grávida que pretendia fugir com o seu amante, a história de um romeiro que tenta suicidar-se durante uma peregrinação, entre outras. Em todas as narrativas se dá a interferência de Santa Maria, que salva a pessoa aflita da situação em que se encontra. A descrição destas situações aflitivas, acompanhadas pela respectiva iluminura, toma por vezes contornos quase tragicómicos, os quais não eram admissíveis numa defi-

nição de música "sacra". Por outro lado, e acima de tudo, o que determinava a distinção entre música sacra e "profana", era o contexto em que a música era produzida, e a obediência aos cânones estilísticos tradicionais. Assim, tendo as Cantigas sido compostas por muitos *troubadours* (que, tendo fugido às perseguições religiosas da seita albigense no sul de França, encontraram na corte de Afonso X o espaço propício ao florescimento da sua arte), elas apresentam um estilo próximo da tradição trovadoresca francesa. Por fim, as Cantigas recorrem ao uso de instrumentos que estavam totalmente vedados ao culto nas igrejas. Segundo as indicações da Patrística, de S. Gregório a S. Jerónimo, os instrumentos pertenciam mais ao reino de Satanás, do que ao de Deus, o que significava a sua exclusão da produção musical dita "sacra".

Numa época em que os livros eram uma preciosidade valiosíssima, representando um grande número de horas de trabalho dos monges copistas e iluministas (o que motivou, por exemplo, S. Francisco de Assis, a proibir a posse de livros aos frades da sua ordem), esta colecção das *Cantigas de Santa Maria* surge como uma manifestação de riqueza, não só ao nível cultural. Sabe-se que Afonso X transportava este livro das Cantigas nas numerosas viagens que fazia - o que, aliás, é relatado num dos milagres que se teria passado com o próprio rei, constituindo até a razão do milagre da sua salvação. É profundamente significativo que, para uma corte que passaria a maior parte do tempo em viagem, com carruagens carregadas de objectos, documentos, acessórios religiosos da capela real, e um séquito de cavaleiros, notários, músicos e capelães, o livro das *Cantigas de Santa Maria* fosse parte indispensável da bagagem, num misto de manifestação de fé e de divulgação da vitalidade cultural e artística da corte de Afonso X.

Sugestões de Concertos

Quinta-feira, 12 de Julho - Largo do Paço, Braga, 21.30h
Coro Académico da Universidade do Minho e Grupo de Fados de Coimbra Aeminiun.

XXIII Festival Internacional de Música da Póvoa de Varzim
Programas - postos de Turismo e V. de Carvalho
(www.cm-pvarzim.pt/fimpv) Tel. 252.614145

Sábado, 14 de Julho - Igreja Românica de S. Pedro de Rates, 21.30h

Ensemble Micrologus. Cantigas de Santa Maria (séc.XIII)
Quarta-feira, 18 de Julho - Auditório Municipal, 21.30h
Jean-Marc Luisada, piano. Schubert, Chopin e Schumann.

Sexta-feira, 20 de Julho - Auditório Municipal, 21.30h
Paulo Gaio Lima, violoncelo e Miguel Borges Coelho, piano. Sonatas de Debussy, Shostakovitch e Rachmaninov.

Domingo, 22 de Julho - Auditório Municipal, 21.30h
Pieter Wispelwey, violoncelo e Dejan Lazic, piano.
Integral das sonatas para violoncelo e piano.

Segunda-feira, 23 de Julho - Salão D'Ouro do Casino da Póvoa, 21.30h

António Saiote, clarinete, Jed barahal, violoncelo, e António Rosado, piano. Brahms, Pinho Vargas, Bent Lorentzen.

Quarta-feira, 25 de Julho - Igreja Matriz, 21.30h
Orquestra Anima Eterna. Midori Seiler, violino e Jos Van Immerseel, pianoforte e direcção.

Mozart: Concertos KV 449 e 595 para piano e orquestra; Concerto KV 216 para violino e orquestra.
(Continua...)

Instituto de Estudos da Criança (Antigo Magistério Primário, Braga)

Sábado, 14 de Julho - Salão Nobre, 18.30h
Audição de Finalistas da Master Class de Violino da Prof. Joyce Tan (da Universidade de Utrecht e Conservatório de Amsterdão). Entrada livre.

Domingo, 15 de Julho - Salão Nobre, 21.30h
Nuno Soares, violino e Youri Popov, piano.
Mozart, Schumann/F.Kreisler, Manuel de Falla e Paganini.

Noites Musicais da Arcada

Quarta-feira, 18 de Julho, 21.30h
Orquestra de Câmara do Distrito de Braga
Quarta-feira, 25 de Julho, 21.30h
Quarteto de Saxofones do Porto
Ravel, Farkas, Gershwin, Montí, Florenzo, Iturralde e Lochu.

II Festival Internacional de Guitarra da Trofa
(members.fortunecity.com/internacional_guitar_festival) Tel. 252. 850321
Todos os concertos - 21.30h - Entrada livre

Sexta-feira, 13 de Julho - David Russell (Escócia)
Sábado, 14 de Julho - Margarita Escarpa (Espanha)
Domingo, 15 de Julho - Luísa Amaro Trio (Portugal) - Guit. Port.
Terça-feira, 17 de Julho - Paul O'Dette (USA)
Quarta-feira, 18 de Julho - Juuso Nieminen (Finlândia)
Sexta-feira, 20 de Julho - Carlo Domeniconi (Alemanha)
Sábado, 21 de Julho - Eduardo Isaac/Binelli (Argentina)
Domingo, 22 de Julho - Cotsiolis (Grécia)/Orq. Musicare (Portugal)
Terça-feira, 24 de julho - Duo Ferré (França) - Jazz